ulturais - notícias culturais - notícia

ANO II - Florianópolis, 17 de fevereiro de 1972 - Nº 27
editado pelo departamento de cultura da secretaria do govêrno do estado de santa catarina

NESTE NÚMERO

SANTA CATARINA TEM COMISSÃO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA.....1

MOVIMENTO CULTURAL EM JOINVILLE.....2

MOVIMENTO ANUAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA.....4

PROJETO RONDON REALIZA CURSO NO MUNICIPIO DE ITA.....5

OPERAÇÃO MAUA APROXIMA CRICIUMA E CHAPECO.....5

CORREIA PINTO 6

OSCAR ROSAS 9

lturais · notícias culturais · notícia

editado pelo departamento de cultura da secretaria do govêrno do estado de santa catarina

150 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL - 1822 / 1972

SANTA CATARINA TEM COMISSÃO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Em ato que assinou na Pasta do Govêrno, o Governador Colombo Salles instituiu a Comissão Executiva Estadual para dirigir e coordenar as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

A Comissão, através de sua presidência, terá competência para assinar convênios e contratos com instituições públicas e privadas. Também compete à Comissão delegar tarefas para o cumprimento da programação oficial em todo o território estadual.

Membros

Em outro ato o Governador do Estado designou o Major José Mauro da Costa Ortiga, Chefe de Gabinete da Secretaria de Segurança Pública, para Presidente da Comissão. O coordenador de Relações Públicas, Luiz Henrique Targat; o Diretor do Departamento de Cultura, Carlos Humberto Corrêa e o Diretor do DEATUR, Antonio Pereira Oliveira, são os demais membros da Comissão Executiva Estadual para as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

MOVIMENTO CULTURAL EM JOINVILLE

Com uma Assessoria para Assuntos Culturais, atuante, o Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Joinville, vem promovendo uma série de atividades, prestigiando o movimento artístico, o teatro, bibliotecas e museus, inclusive lançando as bases para a construção da Casa da Cultura.

Casa da Cultura

A exemplo daquilo que ocorreu com o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, a Prefeitura Municipal, através do Departamento de Educação e Cultura, celebrou convênio com o Ministério da Educação e Cultura, para a construção da Casa da Cultura.

A edificação localizar-se-á na rua Dona Francisca, a poucos metros do museu de Sambaqui.

Constituir-se-á num arrojado investimento, com a filosofia de centralizar as várias manifestações culturais localizando-se nela: Escola de Artes, de Música, Pinacoteca, Cinema Cultural, Salão de Exposições, Auditório e Teatro com capacidade para 500 pessoas, administração e lanchonete.

Exposições

No decorrer de 1971, várias exposições de arte foram realizadas em Joinville, merecendo destaque as seguintes: Coletiva de Artistas Joinvilenses - de 8 a 14 de março - e comemoração ao 120º aniversário de fundação da cidade;

De 30 de junho a 14 de julho, foi realizada exposição de 30 desenhos de Antonio Mir;

De 16 a 29 de julho realizou-se a I Coletiva de Artes Infantis;

Em agosto foi promovida exposição da artista paulista Ismenia Coaracy; E em setembro Odil Campos expos 60 desenhos.

Museu Arqueológico de Sambaqui

A criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville se deu pela Lei nº 1 042, de 22 de dezembro de 1969, do Executivo Municipal.

Por convênio celebrado entre o Ministério da Educação e Cultura e a Prefeitura Municipal, no mês de agosto de 1969, iniciou-se a construção da 1ª ala, entregeu à municipalidade em fins de outubro do ano de 1970, pela Construtora Gosch Ltda.

Nessa ala, o Museu contará com locais para bilheteria, exposição, copa, sanitários.

A 2ª ala, por sua vez, acha-se pronta desde de dezembro último, constando de espaços apropriados para biblioteca, auditório e exposição permanente.

Os recursos federais destinados ao Museu Arqueológico foram: para a 1ª ala, Cr$ 40 000,00 (quarenta mil cruzeiros) e, para a 2ª ala, Cr$ 50 000,00 (cinquenta mil cruzeiros).

Após o término da construção, o Departamento de Educação e Cultura efetuará a sua instalação, obedecendo o planejamento do renomado museólogo do IPHAN, Dr. Alfredo T. Rusins.

Museu Nacional de Imigração e Colonização

Criado pela Lei Federal nº 3 188, em 02/07/1957, e aberto ao público no ano de 1961, o Museu Nacional de Imigração e Colonização apresenta um quadro expressivo de realizações, devido em grande parte à Comissão do Museu, formada pelo Sr. Carlos F. Schneider, Srta. Helga Schmidt, Profª Edith Wetzel, Prof. Horst Wippel, Sra. Hilda Anna Krisch, Dr. Kurt Rosenberger e Sra. Nany Keller.

De 28 de dezembro de 1961 a 7 de dezembro de 1971, ocorreu o número de 1 165 doações e 78 aquisições.

O montante do acervo, após 10 anos de atividades soma a 1 243 peças. Desta soma estão incluídas as doações de 86 peças e 18 aquisições,

acontecidas no decorrer de 1971.

Um constante aumento de Visitações tem-se registrado no Museu Nacional de Imigração e Colonização. No ano de 1971, 47.564 pessoas visitaram o Museu, perfazendo um total de 196.765 visitas em 10 anos.

MOVIMENTO ANUAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA

A Biblioteca Pública do Estado, apresentou o movimento anual de 1971, que consistiu de uma frequência de 37.901 consulentes, contra 15.987, no ano anterior, positivo, pois, 21.914; consultas de obras: 25.867, ano anterior 15.303 positivo 10.564; livros emprestados: 5.007, ano anterior 4.996, a mais 11 obras; consultas e leituras de periódicos: 23.349, em 1970, 17.634, positivo 5.715. Obras adquiridas em 1971: 1.150 livros. Serviço próprio, de encadernação, em 1971: 486 livros, 58 volumes de jornais e revistas e 203 recuperações, reunindo um total de 747 unidades. Pela primeira vez, em 1971, houve um levantamento de bens móveis da Biblioteca, de caráter permanente, atingindo o valor em preços estimativos e reais no total de Cr$ 2.229.549,00. Também, pela primeira vez, a Biblioteca promoveu uma exposição de periódicos, que se realizou em homenagem ao Dia da Imprensa, a 28 de julho, nos salões do "Clube Congresso Lagunense", na Laguna, onde se efetuou a reunião dos jornalistas catarinenses, naquele dia.

Em Janeiro de 72

No mês de janeiro, do corrente ano, a frequencia geral da Biblioteca foi de 2.063 consulentes, sendo consultadas 840 obras e 1.502 jornais e revistas.

PROJETO RONDON REALIZA CURSO NO MUNICIPIO DE ITA

Um curso de Orientação Pedagógica foi realizado no município de Itá, com a coordenação da equipe do Projeto Rondon que até final do mês atuou naquela cidade. As aulas foram ministradas pela professôra Clara Lenira Saboia de Almeida Castro. Quinze professôres itaenses receberam certificados de conclusão deste curso.

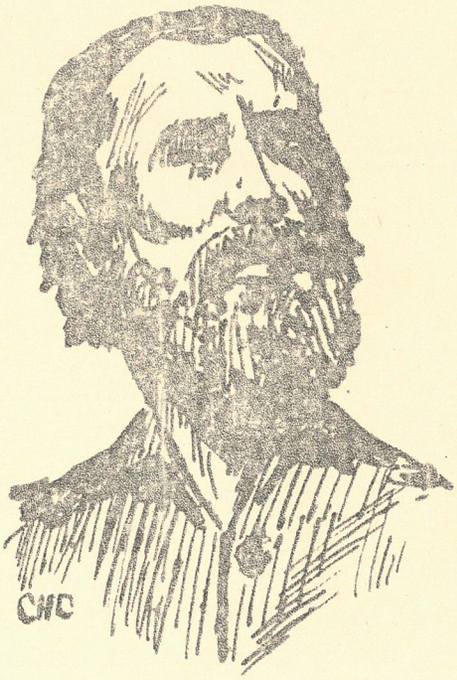
OPERAÇÃO MAUA APROXIMA CRICIUMA E CHAPECO

Alunos da Faculdade de Ciências e Educação de Criciuma, integrantes da "Operação Mauá", estiveram durante a última semana de janeiro na cidade de Chapecó.

Os estagiários da OPEMA, realizaram visitas a diversas instituições, participaram de reuniões comunitárias, conhecendo aspectos sociais e culturais do Oeste catarinense.

DEPARTAMENTO DE CULTURA -DIRETOR:CARLOS HUMBERTO CORRÊA /DIVISÃO DE CIÊNCIAS -DIRETOR: JALI MEIRINHO /DIVISÃO DE LETRAS -DIRETOR: THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ /DIVISÃO DE ARTES -DIRETOR:AUGUSTO N.SOUZA

NOTICIAS CULTURAIS - Boletim organizado pelo Serviço de Comunicação Social da DIVISÃO DE CIÊNCIAS.



25
CORREIA PINTO

Fundador de Lages, Antonio Correia Pinto, nasceu em uma pequena freguesia do arcebispado de Braga, em Portugal, no ano de 1718. Era filho de Luiz Correia Pinto e Antonia Isaura de Macedo. Teria vindo para o Brasil muito jovem, daí o equívoco de se julgá-lo paulista. Casado com D.Maria Benta de Jesus Rodrigues, o casal não teve filhos. Primeiramente viveu na vila paulista de Parnaiba, onde também moravam os seus sogros Baltazar Rodrigues e Isabel da Rocha Canto. Posteriormente, passou a criador de gado, na região dos sertões de Curitiba, o que o tornou profundo conhecedor do território que se estendia de São Paulo ao Rio Grande do Sul, pelo Planalto.

Na época, era governador de São Paulo, D.Luiz Antonio Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, entusiasmado da idéia de povoamento e exploração do sertão. Conhecendo este pensamento, Correia Pinto, aproximou-se do Governador,em Santos. A êle fêz ver da conveniência da fundação de uma povoação nos campos de Lages, região onde possuia fazenda de criação. Teve apoio imediato.

A 9 de julho de 1766, Correia Pinto recebeu a patente de Capitão Mor Regente do Sertão de Curitiba. A 7 de agosto, lavrou-se a "Ordem e Laudo para o povoamento de Lages". Entre outras coisas dizia este documento, assinado por D. Luiz Antonio de Souza: "Porquanto tenho determinado em virtude das ordens de S.Magestade aumentar as povoações desta Capitania e tenho noticias que na paragem chamada de Lages,sita no sertão de Curitiba, há terras suficientes para estabelecer uma boa povoação, ordeno ao Capitão-mor Regente do dito sertão, Antonio Correia Pinto, sirva de Diretor, fundador e administrador da dita povoação,pois me consta concorrerem na sua pessoa circunstancias de cristandade, capacidade e retidão para dirigir os povos dela, conforme as ordens, que incumbirem".

Para fundar Lages Correia Pinto partiu de S.Paulo em agosto de 1766. Levou em sua companhia, a mulher, dois padres, homens brancos, índios e escravos, num total de 400 pessoas. No dia 22 de novembro, chegou ao local denominado Taipas, onde fêz levantar uma capela. O lugar, no entanto, não se mostrou próprio para abrigar uma povoação. O bandeirante, decidiu buscar melhor sítio às margens do rio Canoas onde hoje

se situa o distrito que leva o nome de Correia Pinto. Ali, após seis meses, sobreveio uma grande enchente o que provocou vários transtornos para os primeiros povoadores. Depois de novas explorações pela região, encontrou o local definitivo sôbre o rio Caveiras.

Quatro anos depois, a 22 de maio de 1771,Correia Pinto reuniu os habitantes da nova povoação para declarar fundada a Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages. Foi lavrado um Termo, assinado por todos os presentes, no qual o fundador teve o cuidado de fazer constar que se efetivava para "se poder administrar as justiças aqueles povoados,por ficarem muito distantes da vila de Curitiba a que eram e tinham sido até aquele tempo sujeitos". E,assim, fazia fé em que o território estava dentro dos limites da Capitania de S.Paulo.

Neste mesmo dia, fêz levantar o pelourinho, em sinal de jurisdição, escolheu o local para a casa da Câmara, da cadeia, nomeou juizes, procurador, vereador, escrivão e o alcaide.

Consolidada a fundação, Correia Pinto passou a enfrentar protestos de fazendeiros e do próprio Governador da Provincia de S.Pedro do Rio Grande. Passou a ser acusado de estar ocupando terras do Continente de S.Pedro. Espírito enérgico e destemido, sustentou uma luta que, durou longo tempo, com o Governador José Custódio de Sá e Faria que, instigado pelo fazendeiro Pedro Chaves, pretendia fixar os limites da Província, no rio Canoas, enquanto que Correia Pinto defendia a passagem pelo rio Pelotas. Para lá fêz retroceder o Registro de S.Jorge, que o Govêrno do Rio Grande fizera estabelecer no rio Canoas. Para forçar este recuo, ordenou que os moradores do Canoas não vendessem víveres aos encarregados do Registro, que assim foram obrigados a retroceder.

Além de sustentar os limites da Vila, foi o responsável pela abertura de um caminho em direção a Laguna, num espaço de 30 léguas. Em 1778, determinou a realização de um censo, na Vila,onde foi registrada tôda a população inclusive os escravos.

Depois de 15 anos de lutas no sertão, Antonio Correia Pinto, regressou a S.Paulo. Estava doente e foi em busca de tratamento. Lá apresentou ao Govêrno da Capitania um Memorial, sôbre a situa

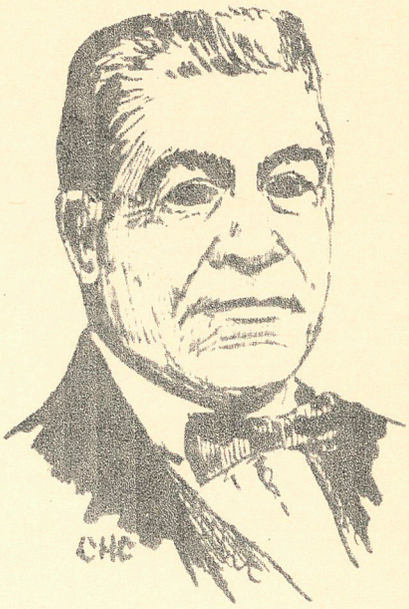
ção da Vila que fundou e ajudou a prosperar.

A sua ausência, de Lages, se fizera sentir. Desordens e discórdias sobrevieram. Conhecendo a situação, o então Governador da Capitania Martin Lopes Lobo de Saldanha pede a volta de Correia Pinto ao antigo posto. Mesmo doente, o sertanista volta ao campo. Era março de 1783. Seis meses depois morre na Vila de Lages, a 28 de setembro. Seu corpo foi sepultado no dia seguinte, dentro da Igreja Matriz de N.S. dos Prazeres, conforme registro no livro de óbitos da Paróquia de Lages.

Passados mais de dois séculos da fundação, Lages respeita o vulto do seu fundador. Um monumento, na sede do Municipio e um próspero Distrito, guardam o nome de Correia Pinto, no planalto catarinense. (J.M.)

26

OSCAR ROSAS



OSCAR ROSAS RIBEIRO D'ALMEIDA, Destêrro, SC. 12.II.1864-27.I.1925 - Um poeta catarinense que deve ser estudado, seriamente não porque foi jornalista profissional ou porque foi deputado estadual em SC. porém pela poesia que escreveu e por ter dito e afirmado ser "simbolista radical". E assim ser um autêntico participante no Simbolismo brasileiro. - Filho do professor de francês João José de Rosas Ribeiro d'Almeida e Dª Rosa Albina Machado d'Almeida; os seus avós paternos foram João José de Rosas e Dª Maria Joana de Almeida, os maternos foram Antonio da Silva Machado e Dª Ana da Silva Machado. O seu pai embora conceituado professor n/Liceu Provincial, era desenhista e por tal habilidade nata foi o estimulador do sobrinho Vitor Meireles. Naturalmente Oscar Rosas iniciou a vida de estudante de preparatório onde o pai lecionava e chegou a concluir o curso. Por querer continuar estudando, fez ou melhor tomou o caminho que maioria dos jovens provincianos de tôdas as Províncias onde o ensino superior não existia, tomavam: foi para o Rio de Janeiro. E lá experimentou continuar estudando, porém foi tomado pelas atividades da profissão de jornalista, enfiou-se como u'a mão numa luva. Com ânimo e interêsse porque tinha necessidade de ser assim assimilou a vivência da imprensa carioca num abrir e fechar de olhos. E ficou tão assimilado por ela, que imaginou-a que seria também fertil e estimuladora para o amigo, muito estimado: Cruz e Souza. E' claro que o convite foi realizado, em parte pela pressão que a saudade dos tempos passados no Liceu Provincial exerceu. Ambos o frequentaram juntos. Mas é claro que Oscar Rosas, bem sucedido na vida literária carioca

e dimensionando-lhe a capacidade de fertilização imaginou - e mais ainda - quiz para Cruz e Souza, como homem de letras, o mesmo. O convite conteve o potencial de uma estima latente, uma admiração objetiva que, embora, Cruz e Souza não o aproveitasse, inteiramente, com vantagem porque decidiu retornar a cidade de Destêrro, SC. em março de 1889, lucrou o ter sido apresentado ao grupo que fazia literatura e frequentava o Café Londres. Oscar Rosas supunha que Cruz e Souza deveria sentir-se alí como peixe em aquário. E se não sentiu assim não foi por problemas de personalidade mas pelo esfôrço e a dedicação de Oscar Rosas é que chegou às amizades de Luiz Delfino, B. Lopes, Emiliano Perneta, Nestor Vitor e outros. Aliás Oscar Rosas como secretário do jornal Novidades (Rio de Janeiro), com a aquiescência do seu diretor Bandeira Junior, reuniu alí os cabeças responsáveis pelo movimento simbolista brasileiro, que entre os já mencionados estavam também: Leôncio Corrêa, Mario Pederneiras, Medeiros e Albuquerque, Alberto de Oliveira, Alvares de Azevedo. Outro que dele recebeu a influência e através dela entrou para o movimento simbolista foi o paranaense Emiliano Perneta.

Apegado ao viver intensamente, Oscar Rosas viveu a campanha abolicionista e participou com paixão no movimento republicano, embora jamais perdesse a atração pela poesia e oportunidade para declarar-se simbolista. De profissão e especialidade era o jornalista político de bom conceito no Rio de Janeiro da época em que lá conviveu participante na boêmia literária. Ocupou destaque ainda insuficientemente conhecido, porém é sabido através de Andrade Muricy (Panorama do movimento simbolista brasileiro, 175, Rio, 1952), que quando deixou o jornal Novidades (13.IV.1892), concomitantemente, desapareceram das colunas daquele jornal os nomes que integravam o grupo simbolista no qual Cruz e Souza veio ser depois o mais acatado. Assim também o próprio Oscar Rosas interrompeu a produção poética, como se tivesse mergulhado - de corpo e alma - nos que fazeres do jornalismo profissional, evidentemente, que estava escrevendo porque nunca deixou de escrever se êste foi o meio através do qual tirou o salário para a subsistência. Naquele período de 1893-1917 foi um descompromissado nas letras: edita uma revista intitulada "Revista de Santa Catarina" auxiliado pelo Centro Catarinense do Rio de Janeiro, DF.; gerencia o jornal a "República" (Fpolis.SC.); trabalha como

como funcionário categorizado no Congresso representativo do Estado de Santa Catarina (Fpolis. SC.); trabalha, de certa maneira como a procurar um lugar ao sol; dissolve-se na vida literária com a autenticidade de um poeta seguindo a realidade de um jornalista marcado pela origem da qual não se libertou para seguir caminhos ambiciosos. O ocupante da Cadeira n.36 na Academia Catarinense de Letras (da qual Oscar Rosas é o patrono), o escritor Iaponan Soares de Araujo, conta-lhe as passadas naquele período de 24 anos com a capacidade artezanal de um filigranistas de joias raras, todavia se percebe, que Oscar Rosas, repentinamente, perdeu a convivência do grupo dos simbolistas, antes reunidos em torno do jornal "Novidades". A imagem que se tem informa: os do grupo foram por roteiros diferentes do roteiro que Oscar Rosas seguiu, sendo que uns reunidos com Mario Pederneiras (2.XI.1867-8.II.1915), parte do grupo, fundaram a revista carioca,de longa duração, intitulada "FON-FON"; outros permaneceram no grupo Rosa Cruz onde o mais acatado foi Nestor Vitor, que entrou para a amizade de Cruz e Souza através de Oscar Rosas.

De 1918 em diante Oscar Rosas dirigiu o jornal "Republica" órgão do Partido Republicano Catarinense sob a liderança do dr. Hercílio Luz; foi diretor da Imprensa Oficial do Estado. Com o bafejo político daquele líder foi eleito deputado nos anos de 1920 e 1921. Com o falecimento do dr. Hercílio viu-se sem apoio e retornou ao Rio de Janeiro em dezembro de 1924. Diz Iaponan - o seu biógrafo maior - "triste e desvalido". Tinha o projeto de recomeçar com janeiro de 1925 porém neste é que faleceu. Todavia ficou o seu rastro, literàmente, luminoso de poeta simbolista; quanto ao de político, êste desapareceu com o seu líder em 25.X.1924; que foi jornalista profissional é insofismavel. A sua obra e a sua vida é colocada agora em circulação numa edição do Departamento de Cultura em convênio com o escritor Iaponan Soares de Araujo, através da coleção Edições Cultura Catarinense com a responsabilidade editorial da Editora Movimento. (TCJ).